

**formas de
pensar a
escultura**

PERDIDOS NO ESPAÇO NAS ILHAS

HURACAY:

BOATOS SOBRE ESTRADA, PONTE, RIO E HORTA

Não se sabe ao certo onde foi. Dizem que foi em Huracay. Mas mesmo assim não sabem o que quer dizer. Foi saindo sozinho da casa e rumou para o mundo. Vizinhos que cozinhavam, mas que prestavam atenção no ponto do feijão, não viram ao certo para darem uma resposta direita. Ele foi indo cantando uma música muda. Levava em suas mãos um boato. Era grande, longo, retangular. Estava meio descoberto-encoberto. Era um boato moldado entre dois pedaços de pau que, afoitamente mal cortados, recém incrustavam o sabão feito a frio. Descobridor-encobridor do boato levava-o rumo à estrada. Descobridor era uma área grande de cor que delimitava uma parte de cima do transporte do boato. Encobridor marcava amplamente a parte inferior. No centro, o boato recém feito em sabão a frio. O boato era o próprio território em movimento. Era a própria bandeira do reino não tão bem demarcado no mapa, sem delimitações claras, já que suas bordas eram compostas por um atoleiro, um rio ocultado por uma ponte de madeira caída, uma horta comida pelo mato do qual se lembram, três plantinhas falantes enfileiradas das quais mal se lembram, uma estrada que corta o território. Rumores apontam que Huracay se localiza na divisa de 2 km entre dois estados de um distrito que é praticamente um enclave. O intuito era levar o boato para abrir uma linha espacializada, engrossada, que se apresentasse como objeto cortante de um território em dois outros diferentes, de ser o próprio território, de ser o próprio limite presente, de estar com seus pares, com suas situações limítrofes, com seus lugares à margem da borda da estrada. Um boato gêmeo desse boato nasceu deficiente: ele foi tirado do molde, desincrustado: não aguentou o trauma, se quebrou. Os dois, irmãos-boatos estão lá guardados, fossilizando-se, remoendo suas formas. São boatos como gênero literário.

ESTRADA

I

Estou na estrada e, até então inconscientemente, vou contribuindo para que a estrada continue sendo estrada. Ao usá-la, movo os grãos de terra de um lado para o outro e, nesse processo, contribuo para que grãos de terra sejam jogados para a borda da estrada.

Ultimamente venho prestando atenção no chão em que piso, na terra que me sustenta ou em meu peso que pode rompê-la. Esse chão que todos pisam, é continuamente revolvido, jogado para o lado de quem o pisa ou compactado. Sinto a experiência de ajudar a sulcar caminhos com meus pés, bem como de entrar em contato com sulcos feitos por outrem e, quem sabe, sulcar o já sulcado. Encaro marcas das intempéries que estão presentes como impressões coletivas na crosta. Marcas sutis ou bem profundas que me trazem à curiosidade sobre os processos de sua formação, já que marcam a inexistente imutabilidade da estrada. Foi, algum dia, demarcada, riscando-se com máquinas de terra a temporária totalidade daquele espaço. Quebrando o uno territorial, duas partes da área em lados opostos de mesmo interior foram situadas, sem conhecimento das mesmas: com o corte da estrada, uma parte ficou desarticulada da outra. Diferenciou-se de sua parceira cujo limite de sua área fez-se outra, similar a primeira, separada por uma linha larga de estrato de terra modificado. Nasce a estrada.

Assim, a estrada corta como área diferenciadora toda uma área geográfica de similitudes. Torna-se pois, ruptura da constância, em que, dentro de si, escoem pessoas, animais e máquinas. Porém, não há limite bem demarcado entre suas bordas, mesmo que essas estejam pavimentadas. Não há segurança em dizer que uma estrada ou rua é para sempre intacta. Veja-se pelas obras de recapeamento ou a as marcas deixadas por automóveis que passam, param ou aceleram constantemente.

II

E, caminhando por uma dessas estradas não pavimentadas, de chão batido, verifico a constante batalha da prefeitura da cidade de manter a estrada transitável. Aplica terra em maior quantidade no centro das estradas do que em suas bordas. Contudo, com o passar dos automóveis, a matéria presente no centro vai sendo jogada em forma de poeira para suas bordas, cobrindo as vegetações limiares e pulverizando plantas consideravelmente próximas à área. De forma orgânica a estrada torna-se um território que, em princípio, poderia ser vista tanto como apenas um limitante e/ou divisor entre dois territórios (agora, quando se já está cortada a estrada) quanto como um território (quando antes, não havia estrada). E esse novo território, a estrada, à medida em que se complexifica em sua existência, vai, pouco a pouco, estendendo-se para seu fora, alargando-se, engolfando seus ‘limiares’. A estrada é um pouco um território vivo, uma cicatriz que não cicatriza nunca: é passado e presente, já que os dois lados sangrados de um mesmo território tornado dois reivindicam esse espaço fronteirante-limitiço, sendo este roubado, estratificado e engolido pelos torós-que-inviabilizam-estradas e pela ocupação da natureza de infiltrar-se. Ao mesmo tempo, a estrada expele para o seu entorno sua própria matéria, se inserindo mais e mais, sorrateiramente. Soterramentos pulverizados que vão engolfando floresta e plantas, animais e pedras, quando toda a fauna e flora estão prestando atenção no ronco do automóvel passando.

PONTE

I

Se estrada corta um território em dois ou mais territórios e de sua ruptura com o entorno origina-se fronteira, ponte é o remendo complexo da junção de várias dessas partes territoriais separadas. À medida em que vamos descendo rumo ao que se tem embaixo do remendo, neste caso, embaixo da ponte, vê-se explícitas tessituras de jogos de vontades de separações, de cortes, de limitações. Corta-se para depois remendar. Ao mesmo tempo em que se encontram remendadas, essas tripas territoriais, em sua base, ou por trás, ou melhor por baixo, têm seus acordos e desacordos territoriais erodidos.

A ponte vem como um atalho para superar a separação em dois territórios provocada pelo rio. Instalada de uma ponta de um território até a outra ponta de outro território, desvia o percurso do viajante, evitando o cruzamento no caminho com a água do rio e propõe, em um aspecto físico, sua superação através da elevação: explicita-se a própria superação desse rio através das instalações de bases verticais que receberão as partes horizontais da ponte; portanto, tem-se então a ponte como uma espécie de





cama para a locomoção. Em um aspecto conceitual, há a supressão do contato físico do viajante com o próprio rio, que, ao repeli-lo, escamoteia o que há abaixo: esconde-se o próprio cruzamento da estrada desviada pela existência da ponte com o rio abaixo, tapa-se o corte de um território em diferentes outros.

Quando se liga uma parte com outra territorial, embaixo dessa ligadura, é possível de verificar, olhando-se, hipoteticamente de baixo para cima, o remendo. Esse remendo (ponte) traz sombras para sua colagem. Esconde sua colagem. Protege a colagem do conhecimento de todos de que ela não é permanente. Remendo, colagem que tenta se fazer de eterna, tanto pelos construtores e arquitetos, quanto para prefeitos e vereadores, mas que não é. Ponte pressupõe não durar para sempre, já que sua função está estritamente relacionada com sua ruptura.

II

Ora, se um objeto tem a pretensão de juntar duas áreas de terra, através de um ponto (ponte), ou de forma esticada e estirada (pontilhão), incumbindo de coligar suas bordas, sabe-se já de início ser impossível juntar eternamente duas partes. É impossível dar um abraço eterno. Como também, desafiando as leis físicas, ou, ainda, fazendo acordos temporários com elas, a ponte permanece ali até que qualquer uma das partes rompa o acordo: tremores e enchentes ou peso acima do permitido podem pôr tudo por água abaixo.

Quando dois se apertam num abraço por muito tempo, há escuridão, suor e sufoco. A ponte que emenda em um abraço dois territórios, apoiada desajeitada sobre uma situação de fluvialidade, oculta esse rio, o supera, mas um dia afundará com e por ele. Sob si, não só a água vai levando as certezas da fundação eterna da ponte. O escuro que remenda juntas terras avizinhas por um rio, vai também gotejando as estabilidades, vai amolecendo as rochas e terras duras, vai alimentando o limo que encontra sua casa: torna-se um lugar onírico do complô da derrubada do levantado.

E exatamente, é isso o que o remendo (ponte) quer ocultar: de que suas bases mesmo bem fixadas no fundo do rio ou nas margens dele, são diária e incansavelmente erodidas: o rio que ocultado e ao mesmo tempo superado pelo caminho que se estabelece elevado acima de si, e não em si, vai sendo como a estrada que se instaura acima: vai transportando as margens que o contém rio abaixo, vai tornando conteúdo seu próprio continente.

O rio, pois, complexamente vai subtraindo (tirando por baixo), vai sub-traíndo (vai enganando sub-repticiamente) as bases da própria ponte e suas margens sustentadoras. Vai instaurando um paradoxo aí: a ponte vem como um remendo que instaura a ligação de um lado ao outro do rio, possibilitando a existência de uma estrada, assim como sua existência está fadada a romper-se, já que o rio é a própria estrada primeira, que já estava ali, e como tal, tende a destruir as margens e bordas (sobre as quais a ponte se estrutura), sendo o sangue de uma cicatriz que nunca cicatriza.

O RIO MORIBUNDO: O RIO QUE SE ATOLA EM SI O RIO DO AFOGADO: O RIO EM QUE SE ATOLA

Aqui não me interessa o grande rio — oceano, nem o mar. Cabe aqui o rio pequeno, o rio que mingua na seca. O espaço em que passa ou passava tal rio, a depressão e impressão que este deixou. Principalmente o rio moribundo, o rio que atola a si mesmo, o rio em que se atola. O atoleiro.

Rio são complexos, diversos e perigosos. São grandes enganadores de seu verdadeiro tamanho, engolidores de nós que não sabemos nosso falso tamanho, nosso pequeno limite. Rios são imensos, podem sufocar ou afogar. Rios podem ser traiçoeiros, pois nos traem: nos enganam com sua margem dissimulada. É aí que cabe: seu relacionar com suas bordas, com sua margem. É desse/ nesse encontro que cabe. O rio moribundo, neste caso, o atoleiro, é cabível aqui. O rio morto, que não se movimenta, que, estancado, se deita e se acomoda sobre o chão que o contém. Descanso que constrói o atoleiro. O atoleiro então se torna um marcador não preciso do fim do chão estável e o início do ‘rio’ impossível de se apoiar. Se fosse possível criar uma passagem de um lugar onde existem pedras duríssimas e quentes que produziram novas pedras que, molengas e quentes, vão, a medida em que se esfriam, ficando duras, pode-se pensar o atoleiro como uma fábrica, não de pedras, mas de territórios em ruptilidade, onde as margens desi, por uma imprecisão enganadora, são e ao mesmo tempo não são fronteiras, já que ali está instaurada a imprecisão dos limites, bem como a demarcação do atoleiro como um todo (e não apenas suas margens). É todo um território em si: complexo, difícil de descrever, que só experimentando é que se alcançará seu significado. Atoleiros são uma fábrica de lugares que atolam (atoleiros, sumidouros); são ações de atolar (eu atolo, tu atolas, eles atolam etc.); são produtores de seres e coisas que ao agirem em ação de atolar, são adjetivadas como tal: atolados; são tempos relacionados a atolar (alotou, atolara, atolará, atolado, atolando). Espaços, tempos, ações, descrições, produções, todos em andamento, nada está acabado ou é só começado, já que o que se começou ou se acabou é o afogado.

HORTA

Os adultos saem de casa e rumam para a horta. Esta requer visitas diárias e atenção redobrada. Ela se situa no limiar entre a margem lamacenta e fértil e o atoleiro de um riacho que encontrou seu descanso. Não há uma demarcação bem delimitada entre terra e barro, entre chão seco e plantas aquáticas molhadas. É neste lugar onde aparentemente tudo dorme que grandes empresas são empreendidas: cava-se a margem para tornar fofa a terra, faz-se montes, cria-se buracos retangulares dos quais a água do riacho se infiltra, criando pequenos retângulos de água para molharem as hortaliças. A horta, canteiro das ervas das bruxas, leva o homem para seu próprio passado nas instaurações de lugares de criação: o coentro e a salsa suspeitamente conhecem e conversam sem que o horticultor saiba com a taboa e o aguapé. Os últimos trazem notícia do mundo das coisas ordenadamente sem ordem, da liberdade, do tempo levado pelo percurso do riacho. Os primeiros contam sua experiência de viagens, de plantio, de colheita, de magia e de assentamento que começou há muito.

A horta é esse jardim assentado de plantas familiares à boca, à memória, à descendência. Horta é presentificação do desejo de cuidar, de jardinar. É quase um delírio das plantas, da conversa.

Os adultos preocupados em cultivarem a horta, esqueciam que, no caminho entre a casa e a horta, as crianças conversavam com as plantas. Conversavam com três exatamente. Elas conversavam sobre os dias, o calor, a chuva. Reino vegetal conversando com reino humano. Não é assim também com a horta? O grupinho das três plantas falantes era a horta que ninguém criou: se deu, saiu pela boca, iniciou conversa. O tempo foi capaz de perder esses lugares, essas personagens. A morte do rei daquelas terras fez com que tudo fosse empacotado, embalado em papel de memória e guardado na mente de cada um que se lembra, de cada um que fala com as plantas.

Hoje o riacho está moribundo, não há mais sinais de horta. O mato selvagem fez seu papel: esconde sorrateiramente o que ainda permanece ali: a falta de divisão traiçoeira entre terra e água, entre coentro e salsa e taboa e aguapé, entre vida e morte.

COLABORADORES

Fercho Marquéz. Anderson dos Santos Batista. Professor de Artes Visuais e artista visual. Mestrando [Poéticas Visuais] PPGAV-UFRGS, bolsista CAPES. Desenvolve a pesquisa *Madeira - Matéria - Molde: percorrendo situações de nascimento, instauração, presença e morte do objeto*, que discorre a respeito das etapas de criação da escultura. Situa os processos de moldagem da glicerina em caixas e moldes de madeira, investindo em questões sobre morte, ruptilidade, corpo e relação da palavra como constituinte da obra de arte.

Gláucis de Moraes. Artista visual e designer gráfica. Mestre em Artes Visuais [Poéticas Visuais] PPGAV-UFRGS. Mestre em Recherche en Arts Plastiques [Art Contemporain et Nouveaux Médias] Université Paris 8 - Vincennes / Saint Denis, França. Doutoranda PPGAV-UFRGS. Desenvolve a pesquisa *Entre o voo e a queda: práticas de um equilíbrio instável*, que tem como princípio a análise investigativa acerca das figuras do voo e da queda como articuladoras de práticas artísticas fundadas na experiência de um equilíbrio instável.
<http://www.glaucisdemoraes.com/gonfle-en>

Marco Antonio Filho. Fotógrafo e artista visual. Professor na ESPM - Sul e no Grupo de Estudos em Fotografia da Galeria Mascate. Mestre em Artes [Poéticas Visuais] PPGAV-UFRGS. Realizou a pesquisa *Cimo da Serra: Uma narrativa fotográfica da paisagem*. Seu trabalho parte da relação com o espaço geográfico, reconhecendo a paisagem como resultado não apenas da adaptação do ser humano ao meio físico, mas como produto material das ideologias de uma sociedade.
<http://marcoaf.com/>

Mariana Silva da Silva. Artista visual e professora da UERGS. Mestre em Artes Visuais PPGAV- UFRGS. Doutoranda [Poéticas Visuais] PPGAV- UFRGS. Desenvolve a pesquisa *Zonas de Contato: ressonâncias da natureza no infra-ordinário*. Considerando o espaço do infra-ordinário, termo cunhado pelo escritor Georges Perec, realiza uma prática artística que pretende pensar formas múltiplas de apresentações da natureza inseridas nas dicotomias cultura e natureza, cidade e rio. Membro do grupo de pesquisa Veículos da Arte (CNPq).

Maria Ivone dos Santos. Artista Visual e professora da UFRGS. Mestre e doutora em Artes, Université de Paris I - Panthéon Sorbonne, França. Coordena projeto Formas de Pensar a Escultura - perdidos no Espaço. Desenvolve a pesquisa *As extensões da memória: a experiência artística e outros espaços*. Co-dirige o Grupo de Pesquisa Veículos da Arte (CNPq). Investigadora del GEACC – Grupo de Estudos em Arte Conceitual e Conceitualismos no Museu – (CNPq). Integra a equipe de pesquisa do Proyecto I+D - Programa Estatal de Fomento de la Investigación científica e técnica de excelencia. Subprograma Generación de conocimiento - Convocatoria 2016: HAR2016-78241-P. El arte y las transformaciones del espacio común del territorio [Sustentabilidade estética en canteras de corte y bordes de água], Universidad del País Vasco/EHU, Espanha.
<http://www.ufrgs.br/extensoesdamemoria/>

Marcela Morado. Artista e designer. Mestre em Artes Visuais, UNAM, México. Doutoranda [Poéticas Visuais] PPGAV- UFRGS, bolsista CNPq. Desenvolve a pesquisa *Cinco água. En la casa de los cinco ríos. Uma poética das representações da água*, numa reflexão que parte de um olhar estrangeiro e que surge da contemplação do Guaíba e da relação dessas águas com as lembranças das cinco lagoas apagadas na Cidade do México, desdobradas em trabalhos gráficos e em instalações. Membro do grupo de pesquisa Veículos da Arte (CNPq) e do grupo Estudios interdisciplinarios en literatura, arte e cultura da Universidade de Tolima (UT).

Newton Goto. Artista, curador e produtor. Mestre em Arte pela UFRJ. Doutorando [Poéticas Visuais] PPGAV-UFRGS. Desenvolve a pesquisa *Experimentos de arte socioambiental*. Explora modos de fazer arte orientados ao diálogo sociocultural propondo reflexões sobre a sustentabilidade planetária, através de práticas colaborativas e de ações sociais transformadoras de ordem comportamental e estética. Membro do grupo de pesquisa Veículos da Arte (CNPq).

Ricardo Moreno. Professor da Universidade de Tolima (UT), Colômbia. Mestre em Artes Plásticas [Fotografia] Université Paris 8 - Vincennes / Saint Denis, França. Mestre em Artes pela UNAM, México, e pela Universidade Nacional de Colômbia. Doutorando [Poéticas Visuais] PPGAV-UFRGS. Desenvolve a pesquisa *Lanternas Flutuantes - Práticas Artísticas de Participação Comunitária com habitantes das Ilhas no Bairro Arquipélago em Porto Alegre, na Era do Antropoceno*. Realiza trabalhos artísticos que contam com a participação comunitária na Colômbia e no Brasil. Membro do grupo de pesquisa Veículos da Arte (CNPq) e do grupo Estudios Interdisciplinarios en Literatura, Arte e Cultura da UT.

Tula Anagnostopoulos. Artista audiovisual e montadora de filmes. Graduada em Arte Plásticas pela UFRGS e em Cinema [Ênfase em Edição] pela Escuela Internacional de Cine y TV de San Antonio de los Baños, Cuba. Mestre em Artes Visuais e Doutoranda [Poéticas Visuais] PPGAV- UFRGS. Desenvolve a pesquisa *Cartas à Ellen: vídeo-ensaio, narrativas, releituras*. Partindo de uma experiência dialógica — da troca de correspondência mantida por muitos anos com um interlocutor distante — passa a explorar conceitual e visualmente camadas da memória, através de recursos sonoros e audiovisuais, em instalações e ações. Membro do grupo de pesquisa Veículos da Arte (CNPq).

Viviane Gueller. Artista visual. Mestre [Poéticas Visuais] e doutoranda do PPGAV/UFRGS, onde desenvolve a pesquisa *Suspensão no cotidiano: a experiência do intervalo como exercício poético*. Aborda o processo de criação em situações que emergem da experiência de espera e deslocamento, estado de disponibilidade que possibilita uma suspensão no fluxo do dia a dia. Membro do grupo de pesquisa Veículos da Arte (CNPq).
<https://vivianegueller.46graus.com/>

Perdidos no espaço é uma publicação do Projeto Formas de Pensar a Escultura - Perdidos no Espaço, desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul há 15 anos. O comitê editorial se reúne regularmente para discutir a cidade, a memória, observando contextos urbanos e ambientais, propondo prospecções poéticas que propiciam o desenvolvimento de um pensamento crítico. Esse jornal conta com o apoio do DDC-UFRGS.

Projeto editorial: Maria Ivone dos Santos, Marcela Morado,
Projeto gráfico: Marcela Morado
Gráfica: Gráfica da UFRGS
Revisão: Julia Fervenza
Tiragem: 500

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor
Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora e Pró-Reitora de Coordenação Acadêmica
Jane Fraga Tutikian

Pró-Reitora de Extensão
Sandra de Deus

Vice Pró-Reitora de Extensão
Claudia Porcellis Aristimunha

Diretora do Departamento de Difusão Cultural
Claudia Boettcher

Equipe do Departamento de Difusão Cultural
Carla Bello
Edgar Heldwein
Gerson Andrade
João Vitor Novoa
Lígia Petrucci
Rafael Derois
Tânia Cardoso

Bolsistas
Ananda Zambi
Camile Fortes
Laura Gruber
Maria Lourdes Seadi
Mariana Vargas
Renan Sander